

Novas geografias da cultura

Maria Helena Seródio

Quem se interessa (e tem gosto) pelo teatro não pode ficar indiferente à recente consagração pelo Prémio Nobel de um dramaturgo (e argumentista) como Harold Pinter que, desde a sua revelação entre nós em 1963 – num espectáculo na Guilherme Cossoul, *O monta-cargas*, encenado por Jacinto Ramos –, já mereceu em Portugal mais de trinta recriações cénicas, bem como variadíssimas publicações, entre traduções, artigos de opinião, críticas e dissertações académicas. E, como sublinharam quase todos os articulistas que reagiram entusiasticamente à escolha de Pinter, a sua dramaturgia aborda de forma singular questões de premente actualidade – que nos tocam de muito perto – pela denúncia de todas as formas de coacção, violência e desvario bélico, realizando uma verdadeira alquimia de palavras, silêncios, pânico e sufocação, para nos apresentar, de forma vívida e teatralmente eficaz, uma interminável luta pelo poder, sempre "à beira do abismo" (como frisou a Academia sueca no texto que justificava a atribuição do galardão).

Esta atenção a dramaturgias de fora tem acompanhado também o cuidado que vamos pondo, em geral, na leitura de teóricos, críticos e ensaístas que, em várias latitudes, reflectem sobre o teatro, problematizando conceitos, apontando metodologias de análise e documentação, contribuindo vigorosamente para uma cada vez mais alargada cartografia dos Estudos de Teatro no mundo.

No caso do Centro de Estudos de Teatro, a recente organização (em Abril passado) das jornadas em torno da "História do Teatro e das novas tecnologias" trouxe até nós Marvin Carlson (actualmente na City University of New York), e Erika Fischer-Lichte (da Universidade Livre de Berlim), que puderam partilhar connosco reflexões elaboradas e apaixonantes que aqui incluímos em tradução, ocupando quer a rubrica "Em rede" (neste número oportunamente ampliada para mostrar um excepcional ponto da situação sobre a investigação em teatro num mundo digital), quer a dos "Estudos aplicados", no caso da investigadora alemã, que enuncia as múltiplas

consequências de se pensar o conceito e a teoria da *performance* como estando "no centro e no coração de todos os debates no âmbito dos estudos da cultura, da sociedade e da arte".

Essa poliédrica conceptualização ganha alguns contornos mais próximos de nós no "Dossiê temático" deste número, coordenado por Fernando Matos Oliveira e por José Oliveira Barata, e que apresenta – em modalidades várias – uma alargada cartografia da *performance* como habitando também a paisagem artística portuguesa. Fã-lo numa interessante convergência de análises produtivas e num texto de abertura (da responsabilidade de Fernando Matos Oliveira) que parte do campo da estética para problematizar a constituição de uma tonalidade redentora nos estudos performativos.

De resto, esta já radicação entre nós de uma prática assumidamente referida ao conceito de *performance*, e a verificação de uma cada vez mais alargada exigência de competências críticas para poder falar e escrever sobre as artes cénicas em Portugal, tinha levado os críticos e estudiosos reunidos na Associação Portuguesa de Críticos de Teatro a questionar a sua própria designação, discutindo-se se o nome não deveria antes referir as "Artes do Espectáculo". Razões várias levaram na altura os associados a manter a designação – entre elas o facto de integrarmos a Associação Internacional de Críticos de "Teatro" –, mas nos seus estatutos ficou claramente alargado o âmbito do seu trabalho e da sua reflexão. Com efeito, no seu Artigo Segundo, os estatutos da APCT passaram a registar como sendo objectivo da Associação "Dignificar, estruturar e responsabilizar a actividade crítica relativa à teoria e prática do teatro, entendendo-se por actividade crítica não só a crítica de espectáculos, mas também tudo aquilo que diga respeito à informação, reflexão e teorização no campo das artes performativas".

Nestas fluidas zonas territoriais – explicitamente conceptuais, mas também de ancoragem geográfica –, a

nossa revista aponta ainda outras razões para estar atenta ao que se vai fazendo além fronteiras, nomeadamente através da rubrica "Notícias de fora": na análise de um espectáculo britânico (que relembra Thomas More por palavras que, embora só parcialmente, parecem trazer a assinatura de Shakespeare), no ensaio – sucinto mas sabedor – de Heras sobre autores da moderna dramaturgia espanhola, ou na crónica de Jorge Silva Melo sobre o Atelier Européen de Traduction (dirigido por Jacques Le Ny), escrita na "lógica" da sua inconfundível subjectividade, a de quem vê o mundo em si e se imagina em cruzada contra quase tudo, até mesmo contra o que, afinal, vem quase diariamente praticando.

No olhar que incide sobre o teatro em Portugal, destaque, "Na primeira pessoa", a entrevista a João Paulo Seara Cardoso, revelando uma curiosa e lúcida escavação da memória para falar da sua apaixonada ligação a um teatro com marionetas, à aprendizagem feita, à questionação que coloca ao teatro e à dramaturgia, bem como às suas filiações na vida artística do Porto e dos muitos lugares (e gente) que foi conhecendo no âmbito dos festivais internacionais em que o Teatro de Marionetas do Porto vem, com toda a justiça e oportunidade, participando.

Para falar de espectáculos recentes levados à cena em Portugal, os "Passos em volta" oferecem-nos um itinerário vasto que, de Braga a Lisboa, do Porto a Évora, dá conta de modalidades diversas de entender e praticar o teatro enquanto criação cénica, percorrendo os mundos ficcionais do Cendrev, Teatro Bruto, Cornucópia, Artistas Unidos, Teatro Praga e o Sindicato de Poesia. Do teatro enquanto texto e objecto de estudo ou memória dizem-nos as "Leituras" que essa actividade entre nós vai progredindo, mesmo que nem sempre os ventos editoriais sejam de feição.

E se a ideia de duração parece, muitas vezes, avessa à razão do teatro, a verdade é que a sua memória é uma forma decisiva de cartografar a cultura, interrogando possibilidades, examinando procedimentos ou avaliando realizações concretas. Por isso o "Arquivo solto" relembra o projecto do Teatro Novo de António Ferro (na efervescência

de uma afectação conspicua, talvez anunciando já outras ambições políticas) e assinala algumas das incursões portuguesas à obra de Cervantes para que – ainda que de forma breve – se recorde que 2005 festejou o quarto centenário da edição de *D. Quixote*.

Outras lembranças do que pelo teatro se fez ao longo de anos são aqui trazidas ao "Portefólio" que passa em revista alguns momentos da história do Teatro Experimental de Cascais, recordando um percurso de 40 anos e uma trajectória em que têm participado artistas das mais diversas gerações, aprendizagens e registos artísticos, quase sempre dirigidos por Carlos Avilez, seu indefectível director artístico.

Na transversal leitura destes pontos do teatro, que se vai fazendo e estudando, muitos foram os que ajudaram a compor mais um número da nossa revista: a escrever, a traduzir, a digitalizar imagens, a coordenar, a rever, e em tantas outras tarefas que só uma dedicação extremada pode explicar ... ou compensar. Mas essa é também uma forma de subverter mapas da cultura ou da comunicação em que nem sempre nos revemos. Por isso juntamos numa mesma publicação idades e experiências diversas, articulando um saber mais travejado com primeiras incursões pela reflexão e estudo do teatro, jogando na diversidade etária, nos percursos diferenciados, nos gostos múltiplos. E em todas essas modalidades percebendo como se pode eleger o teatro como plataforma riquíssima para estudar a arte e o humano. Acreditamos assim contribuir para refazer uma cartografia do teatro que se faz e estuda em Portugal.

Para isso, felizmente, temos podido contar com o apoio generoso e incansável de fotógrafos, artistas, companhias de teatro, instituições várias (como o Museu Nacional de Teatro ou a Sala Jorge de Faria – Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Coimbra), bem como com tantas outras preciosas contribuições, de carácter mais pontual ou prolongado, que aqui queremos muito sinceramente agradecer. Porque sem esses pontos de ancoragem a nossa geografia seria mais pobre e os mapas a desenhar muito mais imprecisos.